

A GRANDE SÍNTESE

I — Ciência e razão.

Noutro lugar, falei-vos, e de forma diversa, sobretudo ao coração, usando de uma linguagem simples, apropriada aos humildes e aos justos, que sabem chorar e crer. Aqui, falo á inteligência, á razão cética, á ciência sem fé, para, ultrapassando-a, vence-la com suas próprias armas. A palavra suave, que atrai e arrasta, porque comove, essa já foi dita. Aponto agora a mesma meta, mas por outras sendas, feitas de arrojo e força de pensamento, afim de que a possa compreender aquele que isso reclama e que de outro modo não saberia ver, por falta de uma fé sua, ou por deficiência de orientação.

O pensamento humano avança. Cada seculo, cada povo segue uma idéia, de acôrdo com um desenvolvimento subordinado a leis cuja ação experimentais. A idéia nova, em todos os campos, vem sempre do alto e é transmitida por intuição ao genio. Logo a tomamos, observais, decompundes; logo a viveis e ela entra na vossa vida, nas vossas leis. Assim, desce a idéia e, desde que se fixa na materia, tem completado o seu ciclo e vós lhe haveis utilizado todo o suco e a deitais fóra, para absorverdes na vossa alma individual e coletiva um novo sôpro divino.

O vosso seculo teve e desenvolveu uma idéia toda sua, que os seculos anteriores não conheceram, applicados a receber e desenvolver outras. A vossa idéia foi a ciencia, com a qual julgastes descobrir o absoluto, embora tambem essa seja uma idéia relativa que, completado o seu ciclo, passa. Venho falar-vos precisamente porque ela está passando.

A vossa ciencia se meteu por um beco escuro, sem saída, onde a vossa mente ficou sem amanhã. Que foi o que vos deu o ultimo seculo transcorrido? Maquinas, como nunca as teve o mundo, porém, que nada mais são do que maquinas; em compensação, secou-vos a alma. Essa ciencia passou como um furacão destruidor de toda fé e vos deu, com a mascara do ceticismo, um semblante sem alma. Desolados sorrides; entretanto, o vosso espirito morre de inédia e ha gritos dilacerantes. Uma especie de desesperação metodica, fatal, sem lugar para nenhuma esperança, eis o que é a vossa ciencia. Resolveu ela o problema da dor? Que uso soube fazer dos poderosos meios de que a armaram os segredos que conseguiu arrebatrar á natureza? Nas vossas mãos, o saber e a força se transformam sempre em meios de destruição.

De que vos serve o saber, se, em vez de fazer que vos eleveis, tornando-vos melhores, constitui, para vós, um instrumento de perdição? Não riais, ceticos, que julgais haver resolvido tudo, sufocando o grito da vossa alma que quer ascender! A dor vos acompanha e vos agarrará em toda parte. Sois crianças que pensam evitar o perigo, escondendo a cabeça e fechando os olhos. Uma Lei, porém, ha, que não percebeis, mais forte do que a rocha, mais potente do que o furacão, que atúa inexoravel, tudo movendo, tudo animando. Essa Lei é Deus. Está dentro de vós; a vossa vida é dela uma exteriorização. Justa, espalha entre vós a alegria, ou a dor, conforme houverdes merecido. Esta a sintese que a vossa ciencia, perdida nos infinitos meandros da analise, jamais poderá reconstituir. Esta a visão unitaria, a concepção apocaliptica, a que desejo levar-vos.

Para que possa fazer-me compreendido, necessario é que fale de acordo com a vossa mentalidade; que me coloque no momento psicologico que o vosso seculo ora vive. E' necessario que parta, justamente, dos postulados dessa vossa ciencia, para lhe dar uma diretriz totalmente diversa. O vosso sistema de pesquisa objetiva, tendo por base a observação e a experimentação, não vos pode conduzir além dos resultados obtidos. Nenhum meio pode produzir mais do que um certo rendimento e a razão é um meio. A analise não poderia dar a grande sintese (que é a grande aspiração palpitante no fundo de todas as almas), senão ao cabo de um tempo infinito, do qual não dispondes. A vossa ciencia corre o risco de não concluir nunca e o "ignorabimus" quer dizer: falencia. A tarefa, para a vossa ciencia, não pode consistir só em *multiplicar-vos as comodidades*. Não abafeis, não apagueis a luz do vosso espirito, unica alegria e centelha da vida, ao ponto de fazerdes da ciencia nascida do vosso intelecto *uma fabrica de comodidades*. Isso é prostituir o espirito, é vender-vos oprobriosamente á materia.

*

A ciencia pela ciencia nada vale; vale unicamente como meio de elevação da vida. A vossa ciencia traz um pecado de origem: o de se haver encaminhado, exclusivamente, á conquista do bem estar material. A verdadeira ciencia deve ter por unico escôpo tornar melhores os homens. Essa a nova estrada a tomar; essa a minha ciencia.

Não falo para ostentar sabedoria, ou para satisfazer á curiosidade humana. Vou direito ao objetivo de melhorar-vos moralmente, pois que venho para vos fazer bem. Ouvi-me, vós que não crêdes, vós, ceticos, que tendes como sabedoria a ignorancia das altas coisas do espirito e que, no entanto, admirais o esforço que o homem todos os dias emprega para conquistar as forças da natureza. Ensinar-vos-ei a vencer a morte, a sobrepujar a dor, a viver na imensa gran-

diosidade de uma "vossa" vida eterna. Dar-se-á não vos lanceis com entusiasmo ao esforço necessario á obtenção de tão grandes resultados? Eia, pois, homens de boa vontade, escutai-me! Compreendei-me, primeiramente, com o intelecto; quando neste se houver feito luz, vereis claro a senda nova que vos traço. Então, tambem o vosso coração palpitará e nele a chama se acenderá da paixão, afim de que a luz se transmude em vida e em ação a idéia.

E' critico o momento; cumpre, porém, avançar. Então (coisa incrivel para a construção psicologica que o ultimo seculo vos legou), uma verdade nova vos é comunicada, por meios que desconheceis, afim de que possais encontrar a nova via. O Alto, que vos é invisivel, ha sempre intervindo nos grandes lances da historia. Que sabeis do amanhã? Que sabeis da razão por que vos falo? Que podeis imaginar acerca daquilo que o tempo vos prepara, imersos que vos achais no átimo que foge? E' preciso avançar e não mais o sabeis. Fechadas estão, sem amanhã, as sendas da arte, da literatura, da ciencia, da vida social. Já não tendes o alimento do espirito e remastigais coisas velhas, que, tornadas materia de refugio, devem ser expelidas da vida. Falar-vos-ei, para redar impulso ás ascensões humanas; indicar-vos-ei as sendas do espirito e vos reabrirei a estrada que se dirige ao infinito e que a razão e a ciencia vos fecharam.

Escutai-me, pois. A razão de que vos utilisais é um instrumento que possuis para proverdes aos misteres, ás necessidades mais exteriores da vida: conservação do individuo e da especie. Quando o lançais no grande oceano do conhecimento, esse instrumento se perde, porque, aí, os sentidos, que muito bem vos servem para os vossos objetivos imediatos, mal esfloram a *superficie* das coisas e essa incapacidade deles para penetrar a essencia vós a sentis. A observação e a experimentação, com efeito, somente vos têm dado resultados exteriores, de natureza prática; a realidade profunda, porém, vos escapa, porque a utilização dos sentidos, como instrumentos de pesquisa, embora com o auxilio de meios apropriados, vos fará permanecer sempre na superficie, trancando-vos a via do progresso.

Para *avangardes*, tendes ainda que despertar, educar, desenvolver uma faculdade mais profunda: *a intuição*. Entram em função aqui elementos para vós completamente novos. Qual cientista pensou jamais que, para compreender um fenomeno, fosse necessaria a sua propria purificação moral? Partindo da negação e da dúvida, a ciencia ergueu de antemão uma barreira intransponivel entre o espirito do observador e o fenomeno; o Eu que observa se mantém, intimamente, estranho sempre ao fenomeno, em que mal toca pela senda angusta dos sentidos. Jamais o cientista abriu sua alma, para que o misterio olhasse de frente o misterio e se comunicassem e compreendessem. Jamais pensou que lhe fosse preciso *amar* ao fenomeno, *tornar-se* o fenomeno oferecido á sua observação, *vive-lo*; que precisasse transportar o proprio Eu, com a sua sensibilidade, para o cen-

tro do fenomeno, não apenas estabelecendo com ele uma comunhão, mas uma transfusão d'alma.

Compreendeis-me? Nem todos poderão compreendê-lo, porque ignoram o grande principio de amor, ignoram que a materia, sob todas as formas, ainda as mais infimas, é sustentada, guiada, organizada pelo espirito que, em graus diversos de manifestação, existe em toda parte. Para compreenderdes a essência das coisas, tendes que abrir as portas da vossa alma e estabelecer, pelas vias do espirito, essa comunicação entre espirito e espirito; tendes que sentir a unidade da vida, que confraterniza, por meio de trocas e interdependências, sob uma lei comum, todos os seres, do mineral ao homem; tendes que sentir esse ligamento de amor com todas as outras formas de vida, porque tudo, do fenomeno quimico ao fenomeno social, é vida, regida por um principio espiritual. Para compreenderdes, é necessario tenhais animo puro e que um liame de simpatia vos prenda a todo o criado. Ri de tudo isto a ciencia, pelo que forçoso lhe é limitar-se a produzir *comodidades* e nada mais. Nisto que vos digo, está exatamente a nova orientação que a personalidade humana tem que tomar, para poder avançar.

II — Intuição.

Não vos espanteis com essa incompreensível *intuição*. Começai por não a negar e ela aparecerá. O grande conceito afirmado pela ciencia (se bem de forma incompleta e com erroneas consequências): a evolução, não é uma quimera e impulsiona o vosso sistema nervoso para uma sensibilidade cada vez mais apurada, que preludia a referida intuição. E' assim que se manifestará, que surgirá em vós essa *psyché* mais profunda, por efeito da lei natural de evolução, por uma fatal madureza, *que vem proxima*. Deixareis de parte, para os usos da vida prática, aquela outra *psyché exterior* e superficial, que é a razão, porque somente com essa *psyché interior*, que reside nas profundezas do vosso sêr, podereis compreender a realidade mais verdadeira, que reside na profundidade das coisas. Esta a unica estrada que leva ao conhecimento do Absoluto. *Só entre semelhantes é possível haver comunicação e, para apreenderdes o misterio que ha nas coisas, tendes que saber descer ao misterio existente em vós.*

Isto não o ignorais de todo; olhais espantados para muitas coisas que afloram de uma vossa conciencia mais profunda sem que lhes possais investigar as origens: instintos, tendencias, atrações, repulsões, intuições. Daí nascem irresistíveis todas as maiores afirmações da vossa personalidade. Aí se encontra o vosso Eu verdadeiro e eterno, não o Eu exterior, aquele que mais percebeis, vós que vos achais metidos num corpo, aquele que é filho da materia e

que com ela morre. Esse Eu exterior, essa conciencia clara, no continuo giro da vida, se expande e imerge em direção áquela conciencia latente, que tende a emergir e a revelar-se. Os dois polos do sêr: conciencia exterior, clara, e conciencia interior, latente, tendem a fundir-se. A primeira experimenta, assimila e introduz na outra os produtos assimilados através do movimento da vida; distilação de valores, automatismos, que serão os instintos do futuro. Assim, com estas trocas incessantes, a personalidade se desdobra e a grande finalidade da vida se efetiva. Quando a conciencia latente se houver tornado clara e o Eu se conhecer interiormente, terá o homem vencido a morte. Ainda aprofundaremos esta questão.

O estudo das ciencias psíquicas é o mais importante dos que hoje possais fazer. A conciencia latente constitui, na realidade, o nosso instrumento de pesquisa que deveis desenvolver e que se está naturalmente desenvolvendo. Haveis olhado bastante para fóra de vós; resolvi agora o problema de vós mesmos e tereis resolvido os outros problemas. Habituai pouco a pouco o vosso pensamento a seguir esta nova ordem de idéias e, se souberdes transferir para essas camadas profundas o centro da vossa personalidade, sentireis que em vós se revelam sentidos novos, uma percepção animica, uma faculdade de visão direta, que é a intuição de que vos hei falado. Purificai moralmente, apurai a sensibilidade do instrumento, que sois, de pesquisa e, então, mas só então, podereis ver.

Ponham-se de lado os que absolutamente não sentem estas coisas, os não amadurecidos para elas; volvam ao lódo de suas baixas aspirações e não procurem o conhecimento, precioso premio que só é concedido áquele que duramente o mereceu.

III — As provas.

Se a vossa conciencia já não permite vos espanteis de qualquer possibilidade nova, como podeis negar, a priori, uma forma de existencia diversa da do vosso corpo fisico? Pelo menos, deverieis ter dúvida, com relação a essa sobrevivencia que o vosso Eu vos sugere a cada momento e com a qual, inconscientemente, por instinto, sonhais a todo instante, em todas as vossas aspirações e obras. Como podeis crer que a vossa minúscula terra, que sabeis a navegar pelo espaço qual grãozinho de areia no infinito, contenha a unica possível forma de vida no universo? Como podeis crer que a vossa vida de dores, de ficticias alegrias e contrastes represente toda a vida de um sêr?

Então, jamais haveis sonhado ou esperado alguma coisa de mais alto, na diuturna fadiga que vos causam os vossos sofrimentos e labores? E, se eu vos oferecesse um modo de fugir a esses sofrimentos, uma liberação e uma vitoria; se vos abrisse uma fresta, dando